

**NESSA LONGA ESTRADA DA VIDA:
NARRATIVA E EXPERIÊNCIAS DE EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA DA GRADUAÇÃO AO DOUTORADO**

Josué Carlos Souza dos Santos ¹
Gilvete de Lima Gabriel ²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é o de evidenciar as experiências que fizeram parte do percurso acadêmico de um dos autores no sentido de possibilitar nelas a reflexão a respeito das práticas extracurriculares e de extensão tão fundamentais em uma jornada de formação que vão além dos muros da universidade e do que já é esperado nos currículos universitários. Com foco no estudo das trajetórias de vida e narrativas autobiográficas, identificamos as experiências-referências, as práticas de extensão e formação continuada desde o início da formação acadêmica, isto é, o curso de graduação em Teologia e também Pedagogia, chegando ao Doutorado em Educação. O exercício de narrar a si mesmo envolve um processo de rememoração, ou seja, visitar memórias com olhos de análise trazendo ao presente uma reflexão dialógica: um reconhecimento de si, no sentido de perceber que somos agentes sociais e sujeitos históricos. Também que produzimos história, que estamos em relação social com o meio circundante. O texto ainda aponta os desafios de conciliar os estudos com o trabalho, a questão da pandemia causada pelo COVID-19 e também as nuances dessa história marcada por momentos de solidão e dificuldades em um caminho cada vez mais profícuo, *stricto sensu* e que encontra no narrar-se a si mesmo sua completude narrativa e autobiográfica.

Palavras-chave: Narrativa Autobiográfica, Educação, Experiências, Formação.

INTRODUÇÃO

Nesta longa estrada da vida
Vou correndo e não posso parar
Na esperança de ser campeão
Alcançando o primeiro lugar
Milionário e José Rico
(SANTOS, 1977)

No ano de 2010 iniciei os estudos da graduação no Bacharel em Teologia na Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil (FACETEN), concluindo-o no ano de 2015. Nos anos seguintes (2016-2018), cursei alguns semestres no curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de Roraima (UFRR), não chegando a concluir pela dificuldade de conciliar as muitas demandas da graduação

¹ Doutorando em Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letra de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo - SP (FFCLRP/USP, santosj@usp.br);

² Professora orientadora: Doutora em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – RN, gilvetelima@yahoo.com.br.

com o horário do trabalho que exercia na época. A seguir, nos anos de 2019 a 2020, cursei e concluí o curso de Especialização lato sensu em Filosofia da Religião na Universidade Estadual de Roraima (UERR), entrando no Mestrado em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania, na mesma instituição, no ano de 2021 e concluindo-o no ano de 2022.

Nesse período, o mundo passou por uma grande transformação causada pela pandemia provocada pela disseminação em massa do vírus SARS-CoV-2, a COVID-19³. Todo o sistema educacional de ensino, inclusive superior, se viu obrigado a repensar suas práticas no sentido de uma continuidade. A demanda pela implementação de novas (e antigas) tecnologias expôs as vulnerabilidades da humanidade, no sentido de oportunidades, capacidades, emprego e renda, questões sociais e políticas, relações de poder e tantas outras.

Nesse sentido, a Educação a Distância nunca foi tão utilizada como neste momento. Os programas de pós-graduação do Brasil, afetados pela pandemia, realizaram seus processos de seleção totalmente a distância e também o ensino remoto passou a ser implementado (passando a adquirir características híbridas conforme o esquema de vacinação foi avançando e os números de mortes e complicações fora diminuindo). Assim, minha jornada no mestrado se viu impactada por tais acontecimentos, de modo que o curso, outrora presencial, passou a ser remoto com características híbridas⁴.

No mesmo ano (2022), fui aprovado na seleção do Programa de Pós-Graduação (nível doutorado) em Educação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP), me mudando do extremo norte do Brasil para o sudeste, na intenção de aventurar-me por mais esse desafio.

Apesar dos cursos que participei, outras experiências fizeram parte dessa trajetória acadêmica, complementando os certificados e diplomas obtidos. Essas experiências nem sempre entraram no currículo lattes, mas somam-se a outras tantas vivências que compõem a dinâmica da vida e assim fazem parte de minha trajetória de vida. O objetivo desse artigo é o de evidenciar essas experiências extracurriculares em meu percurso de formação, no sentido de possibilitar ver essas experiências de extensão como complementares e fundamentais na jornada acadêmica.

³ A Sigla COVID-19 significa '*Corona Virus Disease*' (doença do coronavírus, em português).

⁴ Existe uma resistência, pelo que sinto, das instituições em reconhecerem que a grande maioria das formações durante a pandemia, sobretudo dos cursos de mestrado e doutorado, foram à distância. Preferem adotar o uso de termos como 'Ensino Remoto' e/ou 'Ensino Híbrido'.

Parto então do movimento de identificar nas “experiências-referências” (GABRIEL, 2011, p. 19) minhas práticas de formação continuada, bem como de extensão, com base no estudo das trajetórias de vida e narrativas autobiográficas (GABRIEL, 2011).

2. O QUE NÃO ESTAVA ESCRITO: VIVÊNCIAS PARA ALÉM DA GRADE CURRICULAR NA GRADUAÇÃO

Em meu primeiro curso de graduação (o Bacharel em Teologia) não tive tantas experiências para além do que era obrigatório na grade curricular do curso. Conforme apontei nos ensaios ‘Pra quê Teologia? - Partes I e II’ (SANTOS, 2023), a Teologia levanta questões relacionadas ao estudo/conhecimento de Deus nos mais diferentes campos sociais, antropológicos e filosóficos.

Ao concluir essa formação, decidi realizar um sonho antigo: tentar o ingresso em uma universidade pública, e em 2015 ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de Roraima (UFRR). No Brasil, esse curso tem passado por diversas questões a respeito de sua estrutura, objetivos e campo de atuação profissional. Uma de suas principais características é ser um curso de formação de professores para atuar na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, ou seja, as portas de entrada na escola, no processo de alfabetização e letramento, bem como ser apresentado a outras áreas do conhecimento, como a matemática, a gramática, algumas considerações sobre história, geografia além de outras questões mais específicas, como desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e motoras, no seio do ambiente escolar.

Como bem aponta Gabriel (2011), o fenômeno da educação tem sido discutido em muitas áreas do conhecimento humano, como filosofia, antropologia, sociologia e outras, convertendo-se em um fenômeno social inerente à todas as sociedades. Impulsionada por Pinto (1994), a autora dirá o seguinte:

Os conhecimentos, experiências, usos, crenças, valores a transmitir ao indivíduo e os métodos utilizados pela totalidade social para exercer sua ação educativa são parte do fundo cultural da comunidade e dependem do grau de seu desenvolvimento (PINTO, 1994, p. 31 apud Gabriel, 2011, p. 19).

Esse foi um dos motivos por eu ter escolhido a pedagogia, considerando que a educação, o coração da pedagogia, perpassa por todas as áreas do conhecimento, seja através de processos formativos, normativos, simbólicos, técnicos e tantos outros. Ao longo de dois anos e meio, participei não apenas das aulas e discussões em sala, mas de

eventos acadêmicos, sarais poéticos, organizações estudantis, voluntariado e tantas outras situações que fizeram minha jornada acadêmica ir muito além do proposto.

Essas experiências dialogam com o promulgado no Plano Nacional de Extensão Universitária que diz que atividades que ocorrem fora da sala de aula, como uma extensão àquilo que se estuda, devem ser valorizadas e reconhecidas em sua essência na condição de processos formativos complementares, que englobam, sobretudo, disseminação de conhecimentos, prestação de serviços e difusão cultural .

3. NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA

As trajetórias de vida enquanto recurso teórico e metodológico de pesquisa inicialmente receberam o nome de ‘histórias de vida’, sob a ótica dos estudos biográficos. Como Guérios (2011) nos mostra, o enfoque inicial desses estudos eram dois: “(...) as mudanças sociais relativas a processos migratórios” (GUÉRIOS, 2011, p. 10), onde relatos autobiográficos passariam a ser utilizados como recurso da pesquisa, e também “(...) as carreiras de indivíduos tidos como desviantes ou delinquentes” (Ibidem, p. 10), que consideravam que o pertencimento social de um determinado indivíduo não deve ser o principal elemento a ser considerado no que diz respeito à sua própria constituição de si.

Esse campo de estudos foi impulsionado pela Escola de Chicago, um importante grupo composto de acadêmicos da Universidade Chicago, no estado de Illinois, nos Estados Unidos da América e que ancorava seus estudos na sociologia e na filosofia.

Na década de 1970 o uso das ‘histórias de vida’, também mais adiante convertidas em ‘trajetórias de vida’, passaram a receber um enfoque ainda mais biográfico no sentido do próprio sujeito contar sobre si suas vivências e experiências, ressignificando-as ao narrá-las. Após isso, surgiram outras variantes do conceito, incluindo as narrativas autobiográficas e também narrativas de formação, ganhando aprofundamentos e refinamentos em seu uso como recurso teórico e metodológico nas pesquisas em ciências sociais e também nas ciências humanas.

Nas narrativas autobiográficas, novas possibilidades se apresentam, como a análise de sua trajetória de vida voltada às práticas de formação e percurso acadêmico. Nesse conceito, a voz do indivíduo adquire toda importância, pois é a experiência narrada por ele próprio que adquire sua significação. É um exercício ontológico do devir (aquilo que vem a ser, possibilidades do futuro). É um movimento de levar e trazer, de remexer o seio do nosso eu, bagunçando nossas estruturas e buscando organizá-las ao encontrar uma lógica na voz lançada no mundo.

4. O QUE AS FLORESTAS ME REVELAM: PAISAGEM E DIVERSIDADE NATIVA NO ENCONTRO DE TODOS OS POVOS

No contexto dos eventos que marcaram a II Semana dos Povos Indígenas, no ano de 2016, organizada pelo Instituto Insikiran da UFRR, oficinas, mostras de arte, conferências e debates em torno da pauta indígenas marcaram esse evento que culminou no desenvolvimento de outro, intitulado ‘III Encontro de todos os povos’. Com o objetivo de promover a difusão de artistas, coletivos e personalidades indígenas, bem como o engajamento da comunidade acadêmica em torno da temática, esses eventos foram de grande importância para o cenário indígena em Roraima.

Foi no Espaço de Arte e Cultura União Operária, no centro de Boa Vista, capital de Roraima, que conheci o artista Jaider Esbell, indígena da etnia Macuxi. Pensei em quais adjetivos utilizar aqui para falar de Esbell, se artista plástico, ativista dos direitos indígenas e questões ambientais, escritor renomado e premiado, ou outros tantos feitos que o apontam como o gigante que foi em vida, mas tudo isso ainda seria pouco para falar desse ser humano incrível que nos deixou precocemente em 2021 e o qual dedico essa seção.

No contexto da difusão étnica provocada por tais eventos, fui selecionado como monitor voluntário na exposição de arte ‘Paisagem e Diversidade Nativa’, coordenada por Esbell com o objetivo de promover a arte de indígenas locais. Certamente que toda a parte técnica de formação e exercício prático da monitoria foi importante, bem como a certificação no final, porém o que mais trago de significativo dessa experiência foi a convivência com Esbell.

Gostaria então de efetuar o movimento da rememoração, ou seja, do repensar dos fatos vivenciados, presentes na memória, agora na condição de quem os analisa e projeta no momento presente uma imagem. Tenho a intenção de trazer um fato vivenciado em algum momento de minha trajetória mas que continua ecoando em mim, agora eternizados na escrita, mas não fixos, pois cada leitor que acessa meu texto, lê nele o texto que traz em si. Segundo Otte (1996):

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? (OTTE, 1996, p. 215).

Dessa forma, vendo o passado com os olhos do presente (OTTE, 1996), lembro-me de uma certa ocasião em que Esbell me dirigiu a palavra, pedindo ajuda para montar uma pintura que ele havia feito recentemente. Era grande e estava pintada sob a tela, no

ção, aguardando ser montada para a exibição. Não me lembro do nome da obra, mas havia o planeta terra e muitas mãos, como a dizer: fazemos parte de um todo, um conglomerado de gente.

Notei que a pintura estava com uma espécie de mancha que cobria certa parte da arte, como se um acidente tivesse acontecido e uma mão de tinta tivesse caído ali. Perguntei-lhe, timidamente, o que havia acontecido, no que ele me conta que um indígena passou, no momento da pintura, e esbarrou na tela: ‘Agora a arte tem mais valor, porque outro indígena deixou sua marca’ – ele me contou.

Essas idiossincrasias que eu encontrava nas bordas marginais da experiência, ou seja, topando com coisas que eu não esperava, mas que se revelavam significativas, foram projetadas nas demais experiências acadêmicas e de vida que tive depois: nas disciplinas que cursava, no desenvolvimento de artes próprias, como música e poesia, bem como na minha escrita acadêmica, que trago até hoje esse a partir desses encontros. Assim, essa experiência, no escopo da extensão universitária, me proporcionou uma conexão muito maior com o ambiente acadêmico do que a própria sala de aula, pois ela, a experiência de extensão, não é fechada, sistemática, emoldurada por um sistema específico, mas aberta aos desencontros, aos acasos, às complementaridades que se tornam fundamentalmente essenciais, às artes que viram ciência, ‘desviam’ em seguida para se tornar outra coisa e logo viram novamente, viram pesquisa, voltam a ser arte, enfim: um movimento pedagógico. Na esteira desses acontecimentos, segui meu percurso formativo e vivo então outras experiências, não mais como a mesma pessoa, mas uma outra moldada pelo contato com os muitos outros que conheci e interagi pelo caminho.

5. TIO OU PROFESSOR? UM OLHAR PARA A SALA DE AULA NA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

No período de 2016-2017 passei a fazer parte do Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência (PIBID), na condição de bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), uma fundação do Governo Federal.

Inserido no Colégio de Aplicação (CAp) da UFRR, passei a acompanhar as aulas de ensino de português e matemática nas séries iniciais do ensino fundamental 1 algumas vezes na semana, cooperando no desenvolvimento das aulas de matemática e sobretudo desenvolvendo um projeto de leitura.

A inserção na sala de aula antes da titulação de licenciado veio como um divisor de águas. Antes a sala de aula era estudada de fora, como quem observa peixes em um

aquário. Nessa perspectiva, de um estudante não inserido na escola com os olhos da formação docente, mas que apenas a estuda na sala de aula da universidade, a escola me era exótica, um lugar misterioso, de onde só ouvi falar, sobretudo pela ótica dos outros, os que lá viveram enquanto professores, os mais experientes. Escola, sem inserção em campo, é experiência dos outros, é elemento de estudo, é um espaço de uma vivência antiga, uma lembrança de quando eu mesmo era criança.

A inserção nesse estágio me rendeu não apenas bons frutos de experiência prática na docência, como também a convivência na escola, o sentar no chão com as crianças, o socializar com os zeladores e o analisar o exercício da docência fora da sala de aula, na sala dos professores, na secretaria e nos outros espaços escolares.

6. DO SENTIDO AMPLO AO ESTRITO: O CAMINHO PARA A PÓS-GRADUAÇÃO

A formação no curso de Licenciatura em Pedagogia foi pausada quando em 2017, após a conclusão do estágio no PIBID, decidi viver uma experiência de voluntariado internacional. Eu poderia ter estendido por mais alguns anos a experiência no PIBID, mas achei que era hora de variar as experiências e viver algo novo: uma sacudida na vida.

Sempre gostei muito de viajar. Por viver em um estado de tríplice fronteira (com a República Bolivariana da Venezuela e também República Cooperativa da Guiana), beber de outras culturas sempre foi algo presente na minha vida enquanto um Amazônida e filho do norte. Mas eu queria algo realmente diferente da minha realidade vivida, que mexesse com minhas estruturas, bagunçasse os idiomas, me ‘virasse do avesso’. Eu não queria férias: queria oportunidades de interações humanas além do que entendia como um período sabático. Salgueiro (2002), sobre viagens, dirá o seguinte:

Viagens fazem parte de nosso mundo interligado e complexo, inclusive viagens por puro prazer em que se procura viver algo em tudo diferente da rotina de cada dia – viagens de férias, de descanso, de finais de semana prolongados, em fuga da cidade, ou, pelo menos, da cidade onde se vive e trabalha. Viagens de prazer, porém, sem o objetivo de reuniões e contatos profissionais, estão intimamente ligadas justamente a esse mundo ao qual buscam se opor: o mundo do trabalho (SALGUEIRO, 2002, p. 290).

Considerando o ápice do deslocamento migratório na Europa e Ásia, especificamente em relação aos refugiados da Síria devido o contexto de perseguição religiosa graças ao estado islâmico (e outras questões mais complexas), decidi ir para a Turquia e Grécia trabalhar voluntariamente com esses sujeitos.

Ao retornar, ingressei no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) como assistente de campo, experiência que durou quatro anos (2018-2021).

Essa contratação se deu por conta da necessidade em aumentar o time de campo do ACNUR no que concerne à uma resposta emergencial relacionada ao êxodo migratório de Venezuelanos às nações vizinhas, em decorrência da grave situação de violação de direitos humanos que culminou em uma crise humanitária sem precedentes em sua nação. O Estado de Roraima recebia muitos venezuelanos, adultos, crianças, indígenas e não indígenas, que, em um movimento pela sobrevivência, chegaram a impressionante marca de 800 entradas diárias na fronteira Venezuela – Brasil (ONU NEWS, 2018). O trabalho era árduo, tanto em campo, com a criação e manutenção dos mega abrigos humanitários, como no pós-campo, escrevendo ofícios, redigindo atas de reuniões e outras questões mais administrativas. Assim, ficou impossibilitado meu retorno à pedagogia, trancando o curso posteriormente.

No entanto, as experiências vividas no decorrer dessa segunda graduação, a pedagogia, não foram em vão. Logo, o conjunto de extensão, cultura e pesquisa que participei me impulsionariam a ir adiante: o ingresso na pós graduação.

7. UM DOUTOR COM DOUTORADO: SABERES E PRÁTICAS NA PÓS-GRADUAÇÃO

Em 2019, decidi continuar alguns questionamentos que tive durante a graduação e realizei uma especialização lato sensu em Filosofia da Religião na Universidade Estadual de Roraima (UERR). Os desafios e problematizações de minha vivência profissional aliados a essa primeira experiência na pós-graduação, me levaram a ser aprovado no Mestrado Profissional em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania, também na UERR, agora na pós-graduação *strico sensu*.

Cada uma das experiências foi diferente uma da outra, mas estar em um mestrado exigia-me mais do que as outras formações: maior cobrança, estudos solitários, cada vez menos discentes em sala de aula – uma constatação que também fiz anos depois ao ingressar no doutorado. Isso me remetia ao fato de que o acesso ao ensino superior, em geral, e em especial à pós-graduação é cada vez mais difícil e por vezes insuficiente em relação à procura, com poucas vagas à comunidade o que problematiza a democratização desse acesso à população.

Logo nos primeiros meses de meu ingresso no mestrado, o mundo foi invadido pela pandemia do coronavírus, revelando as mazelas e vulnerabilidades da humanidade. Meu percurso acadêmico precisou ser adaptado, com aulas remotas e a pesquisa de

campo, minha proposta inicial de investigação nos abrigos humanitários com pesquisa de campo precisou ser adaptada à análise de escritos do diário de campo profissional que mantive ao longo dos anos na vivência humanitária, sem ir a campo naquele momento, mas analisando meus escritos de idas anteriores ao campo, nos anos em que trabalhei no ACNUR e com frequência estava nos abrigos. Foi um período de poucas atividades de extensão, ou, pensando bem, de dificuldade na aplicabilidade de qualquer outra atividade a não ser o comprometimento com as aulas remotas. Ao final, além da dissertação ‘Entre idas e vindas: os processos de aprendizagem de crianças indígenas venezuelanas Warao refugiadas e migrantes em Roraima, Amazônia’ (SANTOS, 2022), entreguei outro produto: o desenvolvimento do website ‘Povos Indígenas de Roraima’ onde falo sobre as etnias indígenas do estado de Roraima com alguns marcadores: Organização Social, Considerações Linguísticas e Bibliografia Recomendada, um produto que teve sua importância reconhecida em um evento acadêmico na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, onde estive presente em 2022, e outro em Belém do Pará, também em 2022.

No mesmo ano competi por uma vaga no Doutorado em Educação na Universidade de São Paulo, conquistando a tão sonhada colocação neste programa, especificamente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP). O uso da palavra ‘competir’ é intencional, considerando que a corrida pela vaga é um processo exaustivo, solitário e dependente de diversos fatores. É uma competição de fato, e a aprovação é o resultado de uma vida de construção curricular, de prática formativa, de processos educacionais e, sobretudo, de muito trabalho.

Após um ano no programa, participei voluntariamente em diversos eventos e produzi bastante conhecimento, publicados em formas de artigos, apresentações de trabalhos e outras experiências. O processo ficou cada vez mais solitário, difícil e profícuo, mas, determinado pelo meu sonho e impulsionado pela minha trajetória, sigo em busca de ser um doutor com doutorado, não apenas pelo título, mas pelo reconhecimento de toda uma trajetória voltada aos estudos, à extensão, enfim: à vida.

8. NEM PONTOS, NEM ASPAS: RETICÊNCIAS EM LUGAR DE PONTO FINAL

O exercício de narrar a si mesmo envolve um processo de rememoração, ou seja, visitar memórias com olhos de análise trazendo ao presente uma reflexão dialógica: um reconhecimento de si, no sentido de perceber que somos agentes sociais e sujeitos históricos. Também que produzimos história, que estamos em relação social com o meio circundante.

Ao longo desse texto, voltei às experiências que marcaram meu percurso acadêmico e me impulsionaram a chegar até o doutorado, onde atualmente me encontro. É importante mencionar que diversos outros momentos ficaram de fora, não por sua importância, mas pela limitação da escrita deste artigo acadêmico. Experiências como quando estive em Brasília participando do II Encontro Nacional de Educação, no ano de 2016, em uma época de descaso com a educação no país e que levou os jovens a ocuparem as universidades em protesto até que suas demandas fossem atendidas. O tema do encontro foi ‘Por um Projeto Classista e Democrático de Educação’ e reuniu milhares de pessoas na Universidade de Brasília (UnB).

Outra experiência significativa foi a primeira vez que estive em uma Comunidade Indígena, a Comunidade Boca da Mata, no ano de 2017, em decorrência do desenvolvimento de um projeto de pesquisa e extensão com professores indígenas, o qual participei apenas do início. Naquele momento, coordenado pela professora Gilvete Gabriel, dialogamos com os professores e conhecemos de perto a vivência em uma escola indígena inserida dentro da aldeia. Estar em dois ambientes tão complexos em si, e tão distintos, ou seja, a capital do Brasil, Brasília, e uma Comunidade Indígena no seio da Amazônia Brasileira, em uma região transfronteiriça, foi-me permitido graças ao ensino público, gratuito, à educação brasileira e é claro, um pouco de ousadia.

Agora, sigo minha história, mas não apenas me limitando às vivências, mas às reflexões que posso fazer com elas e a partir delas. Projeto na narrativa autobiográfica essas partes de mim, sabendo que é nela que ressignifico as experiências e que me mostrará os próximos passos a serem dados mais adiante. O Doutorado será a conclusão de uma etapa, mas não do percurso. Não fecho o ciclo com ele, apenas abro uma nova etapa e me abro para o novo, o inusitado, o sonhado e até mesmo os contratempos, pois são todos esses elementos, e muitos outros, que me fazem ser inquieto e problematizar o mundo, narrando sobre ele (e nele), contando minhas histórias, refletindo sobre tudo isso e trazendo em minha escrita todo esse movimento dialógico com o outro, com o cotidiano, com a história e com o mundo. Assim, sem pontos finais, apenas com a continuidade, com vírgulas, com as reticências.

REFERÊNCIAS

Estudante de Pedagogia da UFRR leva projeto de ajuda humanitária a crianças de países asiáticos e europeus. Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 24 de Julho de 2017. Disponível em: <https://antigo.ufrr.br/ultimas-noticias/3714-estudante-de-pedagogia-da->

[ufrr-leva-projeto-de-ajuda-humanitaria-a-criancas-de-paises-asiaticos-e-europeus.](#)

Acessado em: 21 maio. 2024.

GABRIEL, Gilvete de Lima. Narrativa autobiográfica como prática de formação continuada e de atualização de si. Os grupos-referência e o grupo reflexivo na mediação da constituição identitária docente. Curitiba: CRV, 2011.

GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. Campos (UFPR), v. 12, p. 9-34, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/28562>. Acessado em: 21 maio. 2024.

ONU NEWS. Cerca de 800 venezuelanos entram por dia no Brasil. 2018. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2018/04/1617532>. Acessado em: 21 maio. 2024.

OTTE, Georg. Rememoração e citação em Walter Benjamin. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [S. l.], v. 4, p. 211–223, 1996. DOI: 10.17851/2317-2096.4.211-223. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17718>. Acessado em: 21 maio. 2024.

PINTO, Álvaro Vieira. Sete lições sobre educação de adultos. São Paulo: Cortez, 1994.

Povos Indígenas de Roraima. Boa Vista, 2022. Disponível em: <https://povosindigenasrr.uerr.edu.br/>. Acessado em: 21 maio. 2024.

SANTOS, Josué Carlos Souza. Pra quê Teologia? – Parte I. Jornal Tribuna, Online, 19 jul. 2023. Disponível em: <https://jornaltribuna.com.br/2023/07/pra-que-teologia-parte-i/>. Acessado em: 21 maio. 2024.

_____. Pra quê Teologia? – Parte II. Jornal Tribuna, Online, 30 jul. 2023. Disponível em: <https://jornaltribuna.com.br/2023/07/pra-que-teologia-parte-ii/>. Acessado em: 21 maio. 2024.

SANTOS, Josué Carlos Souza. Entre Idas e Vindas: Os Processos de Aprendizagem de Crianças Indígenas Venezuelanas Warao Refugiadas e Migrantes em Roraima,



Amazônia. Dissertação (Mestrado Profissional em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania) – Universidade Estadual de Roraima, 2022, 104 p. Disponível em: <https://www.uerr.edu.br/2022-josue-carlos-souza-dos-santos-mestrado-profissional-em-seguranca-publica-direitos-humanos-e-cidadania/>. Acessado em: 21 maio. 2024.